



Mulher chinesa, criminosa, conduzida á presença d'um mandarim

Alguns escriptores têm ingenuamente exaltado os chinezes citando-os como um povo de sábios, governado por leis justas e por magistrados humanos e integros. Alguns europeus que viveram por muitos annos na China, outros que tem atravessado este vasto imperio em toda a sua extensão viram muitas vezes o forte opprimir o fraco, e até qualquer pequena auctoridade vexar o povo.

O imperador exerce o mais absoluto poder, deroga leis e promulga outras. Tributam-lhe um respeito que vae até á adoração, e desobedecer-lhe é um crime irremissivel. Raras vezes apparece em publico, mas quando sae é cercado de uma pompa imponente, e ao passar todos se prostam diante d'elle. Toma os titulos de filho do céo e unico governador do mundo.

O imperador nomeia commissarios secretos, para investigar a conducta dos magistrados; mas estes deixam-se muitas vezes corromper. Qualquer que tenha queixas a fazer-lhe não póde dirigir-lhas senão por intermedio dos ministros e officiaes do palacio, mas estando todos estes personagens intimamente ligados entre si, a petição não chega nunca ás mãos do imperador e o queixoso fica sem obter justiça. Os homens que exercem os empregos publicos têm-nos obtido á custa de presentes que fazem aos agentes do

poder, apesar da lei prohibitiva que a tal respeito existe, por isso logo que entram no exercicio das suas funcções tratam de reembolsar-se. As ordens do principe são mal executadas e a vigilancia reciproca dos seus mandatarios é quasi sempre chimerica. Quantas vezes auctoridades que têm prevaricado, sendo por isso demittidos, conseguem depois ser reintegrados indo exercer o seu emprego n'outras provincias! Afinal, isto succede na China, como infelizmente succede n'outros paizes. As leis na China são boas, disse um missionario, mas seria para desejar que fossem melhor observadas.

O conselho ordinario do imperador compõe-se de ministros de estado. Seis tribunaes são encarregados da administração do imperio, e um outro occupa-se do que diz respeito aos principes de sangue da familia imperial.

Independente d'estes tribunaes ha o dos censores publicos, cujos membros, reunidos com os presidentes dos outros tribunaes, têm o direito de dirigir admoestações ao imperador.

Os europeus dão o nome de mandarim a todos os funcionarios publicos tanto civis como militares, mas o seu nome chinez é *konan*.

Um filho succede aos bens de seu pae, mas nunca ás suas dignidades. Os descendentes da

familia imperial denominam-se principes, gosam os seus honorarios, mas não têm poder algum.

Considera-se nobre o que é ou foi mandarim ou que tem obtido do imperador titulos honorificos. Unicamente a familia de Confucius gosa de um titulo de nobreza que passa aos seus descendentes directos.

Contam-se sete classes de cidadãos: os mandarins, os militares, os letrados, os sacerdotes, os lavradores, os mercadores e os operarios. Os que seguem o curso de estudos necessarios podem ser providos nos empregos ordinarios; porém, para obter os mais importantes é preciso talento, credito e serviços.

É d'entre os letrados que saem os mandarins; os sacerdotes são numerosos e sabem tirar partido da superstição e auctoridade que exercem sobre os chinezes.

Os lavradores apesar de serem protegidos pelo governo não são ricos.

Os mercadores são pouco considerados, sendo desprezados os que saem da sua patria.

Os commerciantes e individuos debochados são reputados infames e não são admittidos a exame para mandarins.

É de joelhos que se falla ao mandarim, salvo sendo pessoa cujo emprego o dispense d'isso.

Não apparecem nos logares da sua jurisdicção senão acompanhados de um grande cortejo, que é mal retribuido, como o é o proprio mandarim; por isso que sugam ao povo tudo o que lhe é necessario para a sua manutenção, apesar dos *sabios e severos* regulamentos, propostos pelo governo para conter os seus agentes nos limites dos seus deveres.

A nossa gravura representa uma mulher criminosa conduzida á presença d'um mandarim, que não só faz infligir a pena que merece a sua culpa, mas procura todos os meios de a expoliar.

AMIGOS DA ORDEM

A difficuldade que os cegos têm de apanhar as coisas espalhadas torna-os amigos da ordem; e eu tive occasião de perceber que todos os que d'elles estão familiarmente proximos partilham d'esta qualidade, seja pelo effeito do bom exemplo que elles dão, seja pelo sentimento de humanidade que se tem por elles. Quão infelizes seriam os cegos sem as pequenas atencões que os cercam! Os grandes serviços são como as grandes moedas de ouro e prata que poucas vezes podemos empregar; mas as pequenas atencões são uma moeda corrente que se tem sempre á mão.

DIDEROT, *carta sobre os cegos.*

A MORAL E A HYGIENE

Ha assumptos, que embora não possam apresentar aos leitores o attractivo da novidade, são sempre um bom condimento para a alimentação intellectual do povo. Taes são os que dizem respeito aos cuidados da propria conservação.

Busque-se embora enriquecer o espirito com variada e substanciosa leitura nas abstracções transcendentales da sciencia, ou nas recreativas amenidades da litteratura; peça-se á historia o segredo do passado, ou ás theorias da doutrina social, a chave dos enigmas do futuro; cultivem-se embora as artes, ou as applicações da scien-

cia ás industrias; trate o homem de se elevar e engrandecer pela observação e pelo estudo entre os seus semelhantes, que nunca será verdadeiramente superior, nem terá cumprido cabalmente a missão para que as leis immutaveis impostas por Deus á materia creada o impelliram a vir figurar na scena do mundo, emquanto não tiver conhecido tudo quanto é util e conveniente ao seu desenvolvimento physico e moral.

Esse elemento immaterial e incoercivel da entidade humana, que a philosophia espiritualista concordou em denominar alma, de tal modo está ligado á parte corporea, como o perfume é preso á flor, como a luz está ligada ao astro, como o sorriso é preso ao labio; a saude do corpo traz alegria á alma, do mesmo modo que a boa disposição do espirito concorre para o bem estar corporeo; o terror gera a doença bem como a enfermidade deprime o animo; o cansaço prostra a alma, do mesmo modo que a fadiga intellectual enerva a actividade do corpo.

É por isso que na vida se não póde conquistar o pleno gozo da felicidade, sem regular todos os actos pelas leis que regem o funcionalismo organico e espirital. É por isso que á hygiene se póde chamar a sciencia do bem estar, ou a moral do corpo, do mesmo modo que a moral se póde dizer a hygiene, atravez dos dominios do espirito; tanto se confundem e enlaçam, se estreitam e se completam uma á outra.

Nada ha, d'entre todos os modificadores da nossa individualidade physica ou immaterial, que estas sciencias tão irmãs nos não ensinem a gosar ou a evitar. Aqui nos mostra uma qual os preceitos que devemos cumprir no que respeita ao ambiente que nos ha de vivificar os pulmões, emquanto a outra nos dá leis para regular as paixões que são a atmosphaera do espirito, alli diz-nos aquella conselho salutare sobre os alimentos que dão vigor ao corpo, ao passo que esta nos dirige no caminho do estudo que é o alimento da intelligencia; além vem a primeira ensinar-nos a que pela industria conquistemos os tecidos para formar os vestuarios que nos devem opportunamente resguardar das intemperies que nos offendem, emquanto esta nos aconselha que pela reflexão adquiramos o involuero moral que se chama prudencia e que ha de por-nos ao abrigo das paixões desenfreadas.

Nas épocas que marcam a infancia da humanidade, quando a simplicidade dos costumes se reflectia na simplicidade das leis, eram quasi sempre ligados e unidos os codices, que regiam sobre os dois assumptos: nem precisaremos recorrer ás leis de Lycurgo para confirmar a asserção porque ainda nos preceitos do evangelho se encontram muitos pontos que, embora se lhe tenha querido dar uma interpretação dogmatica ou religiosa, não passam de leis higienicas engastadas no ouro de mais puro quilate dos preceitos da moral que constituem instinctivamente a base de todas as religiões. Mais tarde, complicando-se os meandros da legislação, isolando-se os codigos civis das leis religiosas com que tambem andavam confundidos, enredando e obscurecendo muitas vezes o dialectica dos commentadores, o texto quasi sempre simplicissimo do preceito religioso, nascendo os scismas e as seitas dos delirios ou das pretencões ambiciosas dos espiritos superiores, desenvolvendo-se a cultura das scien-

cias e alargando-se o ambito fecundo das colheitas da observação, não admira que se isolassem as duas sciencias que haviam nascido com o genero humano, irmãs na origem, e irmãs ainda nos intuitos: e se a moral pôde concentrar a amplitude dos seus horisontes em curtos e incontroversos aphorismos, a hygiene, indo aproveitar de cada conquista das sciencias um quinhão em proveito do bem estar do homem, teve de percorrer um largo estadio, e hoje, ainda não cansada da fadiga, vê diante de si longa estrada a percorrer, antes que chegue a alcançar a meta da sua gloriosa jornada.

Multiplices causas, que não vêm a proposito enumerar aqui, fizeram aprofundar cada dia mais o estudo, e a cada nova colheita de vantagens que tão ubertoso assumpto offerencia aos seus cultivadores, mostrava lá mais no fundo escondidos novos thesouros, qual o filão de mina inexaurível, que não deixa nunca saciadas as ambições dos laboriosos mineiros, nem lhes nega jámais opulenta retribuição das suas fadigas.

Tem sido affanoso o labutar de geração em geração; — e o seculo actual pôde ufanar-se de legar aos vindouros bem mais accrescentada a herança, que dos antecessores addiu.

Mas que importa que sejam cada anno abundantes as colheitas, se o fructo encelleirado pela inercia, deixa morrer cá fóra á mingua aquelles para cuja alimentação devêra ser destinado. Que importa enriquecer cada dia os dominios da hygiene se ao povo, avido e faminto, não chove no seu deserto esse manná precioso que o devêra saciar?

Compreendeu-se um dia que o sol esplendido do saber devia alumiar a todos sem distincção; proclamou-se a escola gratuita e obrigatoria como o elemento primitivo da felicidade social: rasgaram-se as trevas da ignorancia e deu-se a todos o patrimonio da educação elementar. É muito, mas não é tudo. Ensina-se alli com os rudimentos da leitura e da comptabilidade, os preceitos fundamentaes da moral; começa a lapidar-se o diamante bruto do espirito, quer na sua face intellectual, quer na moral; abrem-se os mananciaes das riquezas da alma, aponta-se a religião como phanal de toda a bem-aventurança n'esta e na outra mysteriosa vida; mas a religião do corpo, — se não é ousada a phrase, — mas os preceitos que ensinam a conservação do individuo e da especie, mas as leis que promettem o bem estar da materia, e com elle a feliz receptividade do espirito para melhor e mais largo ensinamento, esses lá continuam a ficar ignorados pela turba que pede o baptismo do saber e talvez mesmo pelo proprio mestre, que nada mais tem a dar do que a magra leccionação dos rudimentos da lingua.

E, ainda mal! tarde se nos afigura que virá o dia em que se preste o devido culto a esta religião sublime, que Deus impoz como preceito ao homem, quando lhe ordenou propria conservação. Tarde virá o dia em que os preceitos elementares da hygiene se proclamem do alto da cadeira da educação primaria, ou de junto do altar sagrado, enlaçados aos dogmas da religião, ou aos rudimentos da educação litteraria. Mas o alvorecer d'esse dia marcará uma quadra brilhante para os destinos da humanidade.

Emquanto porém não surge o arrebol esplen-

dido com os seus mil jorros de luz, é licito que, aqui e além, no firmamento escuro, scintille brilhante alguma estrella, afrontando as trevas da noite e os negrumes da procella, e mandando á terra um raio frouxo, que, se não illumina claramente as montanhas e as cidades, guia por entre as caliginosas veredas do oceano os nautas que buscam porto e abrigo: assim tambem, enquanto se não proclama universalmente a necessidade e a obrigação do ensinamento elementar da hygiene, podem semear tão fecunda idéa as mãos abençoadas de alguns parochos, e de alguns mestres, cuja clareza de rasão e cultura de espirito lhes faça ver quam abençoado fecundará e florescerá prometteedor o modesto alvitro que aqui propomos.

Sejam apóstolos d'esta luminosa verdade, e, se os aguardar o incruento martyrio do desprezo ou do escarneo dos seus coevos, espera-o bem certo a apothose do applauso e gratidão das gerações futuras.

Ensinem, uns e outros, ás creancinhas os dogmas da hygiene, inculquem-lhes por elles respeito e acatamento como pelas leis religiosos ou civis; mostrem-lhes que, se n'estas se contém os preceitos do que o homem deve a Deus e aos outros homens, n'aquellas se resume o que elle deve a si proprio; digam-lhes que, se a authoridade constituida pune a infracção de umas, e a justiça de Deus castiga a transgressão das outras, tambem não ficam impunes as faltas commettidas para com as leis da hygiene, e que na doença, na entrevadez, na velhice precoce tem cruel e inexoravel castigo os que lhe não obedecem submissos; sejam generosos e sollicitos em semear estas doutrinas, avidos e incansaveis em adquirir os thesouros do saber, que devem repartir com mão larga, e prepararão assim uma geração que os abençoará.

Na época em que a ambição ou o deleite está ensinando constantemente os meios de apurar e aperfeicoar as raças animaes, em que se busca crear individuos os mais perfectos, e em que se offerecem premios de estímulo aos creadores, será só a raça humana a unica condemnada ao abastardamento, á aviltação? a raça humana, aquella que tem a orgulhosa vaidade de suppor-se a mais perfeita? Não basta que o livre arbitrio, o imperio das affeições se opponha aos cruzamentos que garantem a perfeição e apuramento da especie, é mister ainda condemnar pela ignorancia o desenvolvimento e perfeição do individuo?

A luz do astro que brilha nos campos das sciencias é convidativa e fascinadora; é mister que todos corram a aquecer a ella os membros regelados: aos directores do espirito infantil do povo cumpre desviarem-o da sombra e mostrar-lhe os campos onde o sol brilha e aquece.

O primeiro passo pôde ser laborioso ou difficil, mas as palmas do apostolado hão de ser gloriosas.

C. B.

OS CAMPONEZES DE HAMBURGO

Existe em Elba um costume singular: a gente do campo que possui um bocado de terreno, não entra na igreja sem levar um ramilhete. Serve isto para mostrar que têm uma propriedade e que são foreiros á freguezia. Assim tambem en-

tre os camponeses, nos arredores de Hamburgo, por muito pequeno que seja o terreno que possuam, reservam sempre um bocado para flores, a que chamam o ramillete da igreja.

ANOTAÇÕES DE ALGUMAS PASSAGENS DOS NOSSOS CLASSICOS

III

Padre Antonio Vieira. Sermão da primeira sexta feira da Quaresma, pregado em Lisboa, na Capella Real, no anno de 1619. Tomo XI, pag. 115.

TEXTOS

«Disse Deus á terra que produzisse as plantas sem outra semente, ou agua, que a regasse mais que a mesma palavra: e no mesmo ponto os montes, os valles, os campos se vestirão todos de verde, nascêrão as hervas, brotarão as flores, levantarão-se as arvores com os ramos cubertos, e sombrios de folhas, e carregados de tanta variedade de frutos. (1)

«Disse ao elemento da agua, que produzisse os peixes, e as aves; e logo começarão a nadar nas mesmas aguas o vulgo dos peixes menores em cardumes de tão diversas cores, e figuras, huns lisos, outros encrespados de escamas: e no pégo mais profundo as Baleas, e os outros gigantes, e monstros do mar, como galeças da natureza, remando com as barbatanas, e batendo, ou açoutando as ondas, como senhoras dellas. (1)

«As aves, ou pintadas de diversas cores, ou vestidas de uma só, com liberdade de vagar por tres elementos; humas mais affectas á patria onde nascêrão, habitarão as ribeiras, os rios, os lagos; outras fabricarão seus ninhos entre a frescura das arvores; outras nos cerros mais altos, em quanto não havia torres, e todas reconhecêrão por Rainha a Aguia, porque ella só voa, e sóbe direita até se esconder nas nuvens. (3)

«As fêras que povoaram os bosques, as serpentes, que arrastando sahirão das covas, e os rebanhos innocentes, e pacificos, que cobrirão, e fecundarão os prados, tambem forão partos de hum só dizer de Deus á terra. (4)»

ANOTAÇÕES

Nesta bellissima passagem de um dos sermões do Padre Antonio Vieira, e com referencia ao sublime FIAT do creador dos céos e da terra, é commentado o magnifico versiculo do Psalmo 148: *Ipsé dixit, et facta sunt*. Não havia Céu; disse Deus: *Faça-se o Céu*; e fez-se o Céu: não havia Terra; disse Deus: *Faça-se a Terra*; e fez-se a Terra: estava tudo ás escuras; disse Deus: *Faça-se a Luz*; e fez-se a Luz.

Depois disto, particularisa o orador o que Deus mandou que produzisse cada um dos elementos que havia creado; e a essa descripção é consagrado o excerpto que deixamos transcripto, e que agora vamos annotar.

(1) *Disse Deus á terra que produzisse as plantas sem outra semente, ou agua, que a regasse mais que a mesma palavra.*

Leia-se com attenção esta phrase, e ver-se-ha que não ha nella a indispensavel precisão. Se o orador julgou necessario exprimir o destino da agua, quando assignalou o fim para que ella serve, qual é o de regar a terra, tambem devia caracterisar o prestimo da semente, qual é o de germinar, e produzir as hervas e as plantas. Se assim fizesse, não existiria o vago que se nota no seguinte modo de dizer: *sem outra semente ou agua, que a regasse*; podendo entender-se que a semente e a agua *regam*; e ficando, em todo caso, em duvida, se o orador quiz referir a régua á semente, ou á terra. Por ventura ficaria a phrase mais clara e mais exacta, se assim fosse concebida: *Disse Deus á terra que produzisse as plantas; e a sua palavra omnipotente supprio a semente e a agua, de sorte que no mesmo instante os montes, os valles, etc.*

No mesmo ponto. Quizerá antes que Vieira houvesse dito: *no mesmo instante, ou instantaneamente, ou logo, ou subitamente*. — Affigura-se-me que o termo — *ponto* — mais propriamente se refere á extensão do *espaço*, do que a designar as fracções do *tempo*.

Os montes, os valles etc. — Admiravel propriedade de expressão! Imaginosa pintura! Os campos a *vestirem-se de verde*, as hervas a *nascemem*, as flores a *brotarem*, as arvores a *levantarem-se*, e os ramos *cubertos e sombrios de folhas...* são bellezas de dicção, que só um grande mestre pôde apresentar, e ainda assim, sómente nas sonóras e magestosas linguas do meio-dia da Europa.

(2) Grandioso! bello! O *encrespados de escamas* é de uma propriedade sem equal. — A descripção das baleias, gigantes e monstros, remando com as barbatanas, e açoutando as ondas, como dominadoras dos mares... essa descripção é energica, ousada, arrebatadora.

Admirae a belleza da nossa lingua. Dizei-me em qual idioma encontraes uma palavra que tanto diga como — *cardumes* — para exprimir a multidão innumera de peixes, que por vezes nos espanta, ou á borda de um lago, ou mais ainda, no meio das vastidões do oceano?

E aqui, trouxe á lembrança a propriedade de palavras, distincta e caracteristica, de que a nossa lingua é tão rica, e nos permite evitar translacões, circumloquios, e outros modos de emprestimo. Assim, por exemplo, dizemos: *Bando* de aves; *cardume* de peixes; *rebanho* de ovelhas; *fato* de cabras; *vara* de porcos; *alcatéa* de lobos; *tropel* de cavallos; *cafila* de camellos; *rédua* de cavalgaduras; *mó*, ou *roda* de homens. (Veja *Côrte na Aldeia*, de Francisco Rodrigues Lobo.)

(3) *Outras fabricaram seus ninhos entre a frescura das arvores*. Gracioso modo de dizer!

Porque só ella (a aguia) vóa, e sobe direita até se esconder nas nuvens. — Traço de mão de mestre para pintar o arrojo e nobreza da rainha das aves.

(4) Aqui, tudo é imaginoso, tudo é sublime! Não escapará ao fino juizo dos leitores o modo

engenhoso, porque o eloquente orador termina a sua viagem atravez de todos os elementos, atravez de todas as regiões. Tendo fallado das feras e das serpentes, conclue com a branda imagem dos innocentes rebanhos.

— Passagens, como o presente excerpto, dos nossos bens classicos, são merecedoras de repetida leitura e de attento estudo. A elevação do pensamento, a propriedade da dicção, a viveza da pintura, o delicado do colorido... tudo é proprio para nos captivar, e não menos para nos instruir.

JOSE SILVESTRE RIBEIRO.

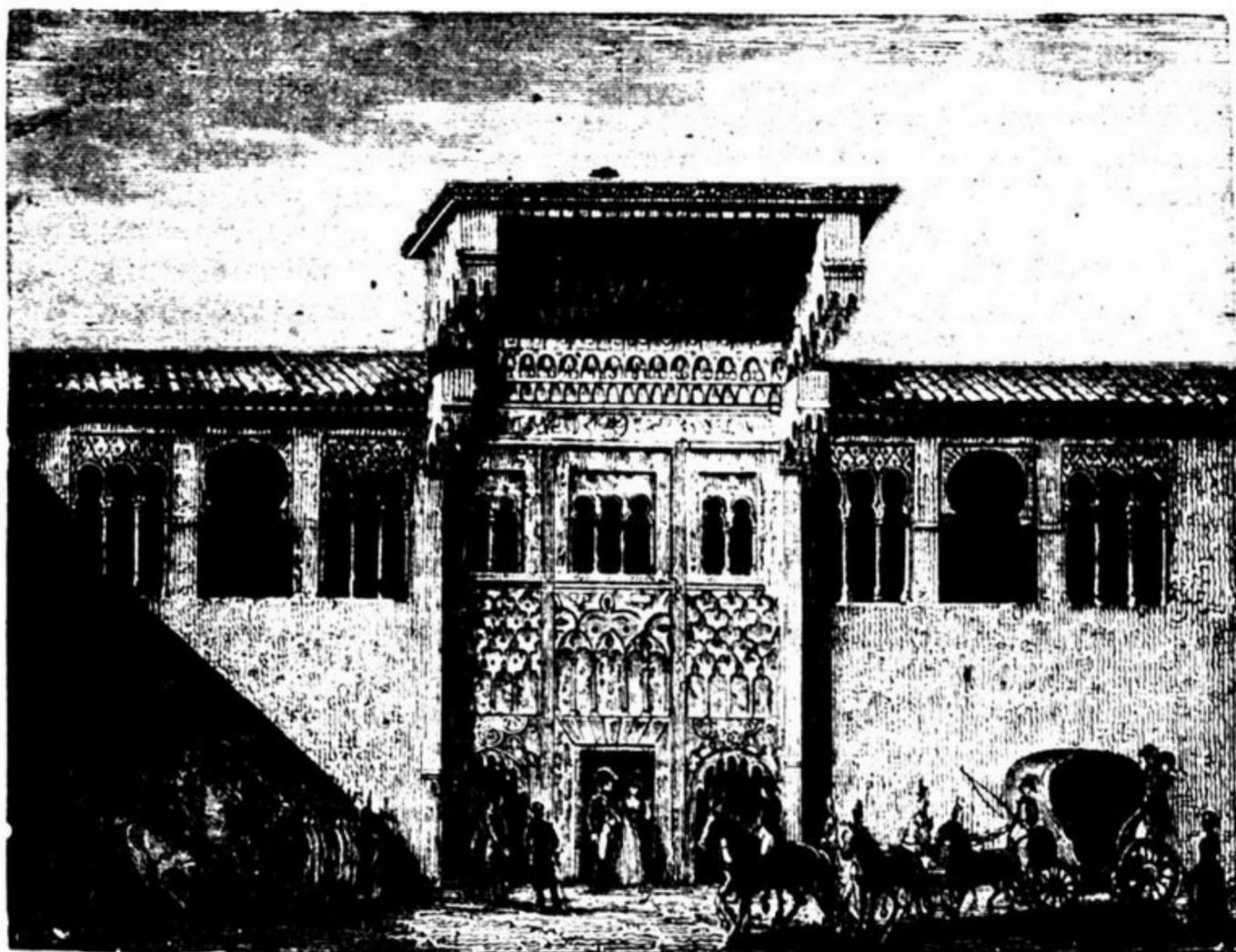
DIREITO DE ASYLO NO ORIENTE

No Cairo, nos dominios dos mamelouks, quando um homem, sentenciado á morte, conse-

guia fugir e alcançava a porta que conduz ao Harem e gritava: *fy' ard el Harym* (sob a protecção das mulheres) obtinha o seu valimento e era-lhe commutada a pena de morte.

CABELLOS E UNHAS DOS MORTOS

Acontece algumas vezes, depois da morte, que as unhas e os cabellos continuam a crescer apesar da decomposição do corpo. O *Journal des Savans* fez menção de uma mulher, cujos cabellos cresceram a ponto de sairem atravez as fendas do caixão, quarenta e tres annos depois do enterramento. Eram friaveis e desfaziam-se ao tocal os. Na idade-media, semelhantes phenomenos bastavam para tomar o defunto por feiticcio, e tirando o corpo da terra queimavam-n'o e lançavam as cinzas ao vento.



O Alcazar de Sevilla

De todas as cidades de Hespanha, Sevilla é talvez a que goza de maior nomeada e do mais brilhante esplendor. Fundada pelos phenicios sob o nome de Hispal, appareceu já entre as alliaças de Annibal contra os romanos. Estes ultimos povos tendo conquistado a Betica, escolheram Sevilla para cabeça de uma das quatro jurisdicções que ali estabeleceram. Cesar juntou a esta distincção o nome de Julia Romula, deu-lhe o direito de cunhar moeda, e cercou-a de fortificações. Os romanos conservaram Sevilla até o anno de 411, época em que caio nas mãos dos Vandalos, pertencendo depois aos reis godos. Depois da batalha de Guadalete (11 de novembro de 711), uma parte dos christãos, que escaparam ao massacre, retiraram-se para Sevilla, onde se defenderam até se verem obrigados a entregar a cidade ao exercito de Musa.

Sevilla, assim como toda a Hespanha, jazeu sob a dominação dos califas de Damasco, até o dia

em que se declarou por Abdérame, eleito soberano de Cordova. Pelos fins do seculo X grandes divisões agitaram a Hespanha arabe, e Sevilla proclamou-se independente e escolheu os seus reis particulares, que a governaram mais de cem annos.

O ultimo dos seus reis Aben-Abed, teve a imprudencia de reclamar o auxilio do chefe dos Almoravides, e este barbaro concurrente, que se havia apoderado de toda a parte occidental da Africa, desembarcou em Hespanha com um numero exercito, pôz Sevilla em estado de sitio e forçou os seus habitantes a renderem-se depois de uma longa e pertinaz resistencia. O infeliz monarcha, victima da sua confiança, foi acabar os seus dias n'uma prisão, e desde esse momento toda a Hespanha obedeceu aos Almoravides. O seu reinado, porém, foi de pouca duração; a poderosa facção dos Almoades levantou-se em Africa contra elles, e decidindo a victoria em seu

favor. Sevilha enviou uma deputação ao novo rei Abdelmomen e recebeu nas suas muralhas uma parte do exercito victorioso. O filho e successor de Abdelmomen fixou a sua corte em Sevilha e começou uma guerra cruenta contra os christãos. Senhor de uma parte da Africa e de Hespanha, formou numerosos exercitos, com os quaes quiz apoderar-se de toda a Peninsula; mas um d'elles perdeu a famosa batalha das Navas de Tolosa e foi este o derradeiro esforço do poder mahometano em Hespanha. Depois d'esta época não houve notaveis movimentos nos militares arabes; muitas cidades e provincias elegeram os seus soberanos particulares e limitaram a sua ambição a defender as suas muralhas. Sevilha não pôde resistir por muito tempo; abriu as suas portas ao rei Fernando a 23 de novembro de 1248, depois de um assedio d'alguns mezes e até aos nossos dias tem sido governada por principes catholicos, sendo hoje uma das mais ricas e mais populosas cidades da monarchia.

É admiravel pela sua posição topographica, muito fertil e gosa de um delicioso clima. Poucas cidades possuem tantos edificios publicos, a cathedral, sobretudo, é um monumento dos mais notaveis de Hespanha.

A nossa gravura representa o Alcazar de Sevilha ou antigo palacio dos reis mouros que, de baixo do ponto de vista das artes e das tradições historicas, é sem duvida o edificio mais interessante de Sevilha.

É sabido que todos os reis catholicos e os senhores da sua corte adoptaram a architectura arabe com algumas modificações, que produziram a renascença do estylo grego em Italia. O Alcazar de Sevilha é um typo d'este gosto mixto.

Começado na época da dominação dos reis mouros e concluido, seguindo o mesmo genero, por Pedro o Cruel e seus successores, este monumento é de grande magnificencia, vendo-se mármore por todos os lados, agua em todas as salas, a qual rega bellos jardins e um pomar de laranjas. O vestibulo, cujo solo é de mármore, é cercado por duas ordens de galerias. É difficil ver reunidas mais elegancia e perfeição. A sala dos embaixadores tem trinta pés quadrados, e é guarnecida de ornamentos de mármore, de incalculavel riqueza, não cedendo em coisa alguma ás mais bellas disposições das salas de Alhambra; mas note-se que na proporção das columnas e na forma dos capiteis pronuncia-se o gosto da antiguidade: «Esta transição das artes não tinha sido ainda observada, diz Mr. de Laborde; produzio, todavia, muitos edificios que, sem serem regulares, têm, comtudo, um certo encanto. Sem duvida, as linhas puras e simples da boa architectura passam antes de tudo, mas são muitas vezes frias e monotonas ao olho, quando não são animadas por alguns ornamentos agradaveis; é o mixto, que nos seculos XV e XVI teve lugar, nas pomposas disposições gregas e romanas juntas á opulencia dos detalhes arabes e gothicos, que nos parece apresentar, para as habitações particulares, o *nec plus ultra* da elegancia e até da belleza. E' um typo perfeito e digno de ser imitado.»

O Alcazar de Sevilha foi habitado por Carlos V, e pela rainha Isabel, e Philippe V, que durante alguns mezes ali estacionou com toda a sua cor-

te, teve, por momentos, idéa de fixar a sua residencia n'este paço.

INCENDIO DE LONDRES EM 1666

A 13 de setembro manifestou-se o fogo na cidade de Londres fazendo enormes e terriveis estragos. Durante tres dias, que durou o incendio, consumio oitenta e nove igrejas, a casa da camara, treze mil e duzentas casas particulares, que formavam sessenta ruas, vinte e seis armazens e um numero consideravel de bibliothecas, escolas, hospitaes e magnificos hoteis. O fogo, depois de toda a sua devastação, extinguiu-se por si mesmo.

No local aonde o fogo começou erigiram uma columna que tem 188 pés de altura, e assenta sobre um pedestal de 37 a 38 pés de alto e 19 e 6 polegadas em quadrado; a face principal é ornada de um baixo relevo em mármore, representando a esculptura de um lado a destruição das casas pelo fogo e de outro a sua reedificação. Diversas figuras allegoricas enriquecem esta composição, sobresaindo a do rei Carlos II, ao qual apresentam o plano da reconstrucção da cidade. Nos quatro angulos do pedestal estão esculpturadas salamandras e o todo é coroado por um vaso de que saem chammas.

Christovão Wren, architecto d'aquelle tempo, apresentou ao parlamento, para a reedificação da cidade, um plano em que se pronunciava longas e largas ruas, cortadas a angulos direitos, projectos de egrejas, praças e monumentos publicos nas melhores posições. Se tivesse sido executado este programma como tinha sido concebido Londres tornar-se-hia a rainha das cidades modernas; mas formaram duas partes: uma do novo plano e outra do antigo. A cidade de Londres ficou mais solida e regular que antes do incendio, mas perdeu a occasião de servir de modelo a todas as capitães da Europa.

CREDITO Á PEQUENA INDUSTRIA

(Bancos populares)

(Continuado de pag. 27)

Ninguem pôde salvar o operario do pauperismo senão o proprio operario, diz Julio Simon. A demonstração pratica d'esta verdade está nos brilhantes resultados da associação cooperativa, tal como ella se está realisando na Allemanha, com um caracter puramente popular, vivendo do povo e para o povo, sem pedir subvenções governativas nem protecções aristocratas. O fim a que principalmente se destinam os Bancos populares, Bancos d'avanças, ou Associações de empréstimos, denominações que designam todas a mesma instituição, é centralisar as economias das classes laboriosas, para depois satisfazer por meio d'ellas as exigencias de credito das mesmas classes. O pensamento é bello e nobre; e o grande principio da fraternidade claramente transluz atravez d'aquella engenhosa combinação. As economias de que falamos entram na caixa do Banco debaixo da forma de direitos de admissão, prestações mensaes e depositos voluntarios. As entradas e mensalidades

differem d'umas a outras associações, mas são sempre quantias diminutas e facilmente pagaveis pelos socios ainda os mais pobres. Como, porém, aquelles recursos, só por si, não são sufficientes para fazer face a todos as operações do Banco, principalmente nos seus primeiros annos: torna-se necessario recorrer, como meio auxiliar, e em rasoavel proporção, aos empréstimos dos capitalistas para os quaes se offerece a garantia collectiva e solidaria de todos os socios. É assim que, aquillo que era impossivel a cada individuo isoladamente, se torna facilimo a todos, desde o momento em que a fraqueza individual é substituida pela força collectiva no seio da associação.

A boa direcção do Banco compete regular o andamento de suas operações de modo que a parte proporcional do capital tomado de empréstimo vá successivamente diminuindo em relação ao capital proprio. Na formação d'este capital proprio figuram, como já dissemos, não só as entradas e mensalidades obrigatorias dos socios, mas ainda todas e quaesquer quantias que estes quizerem depositar no Banco, exercendo elle relativamente a essas quantias as funcções de Caixa economica.

Este duplo papel que representa a associação é sem duvida uma das suas principaes bellezas. Todas as quantias que o socio desembolçou, espontaneas e obrigatorias, constituem-no como que accionista do Banco, dando-lhe direito no fim de cada anno a uma parte nos dividendos da empresa, proporcional ás respectivas quantias.

Os dividendos são accumulados aos lançamentos de cada socio, até que todas estas sommas capitalizadas perfaçam uma quantia previamente fixada nos estatutos do Banco. Logo que o socio a tenha attingido pôde levantar os seus dividendos, ou deixal-os em deposito na caixa. Este deposito bem como todo e qualquer que o socio faça d'ahi em diante, é-lhe tomado á conta de empréstimo pelo Banco, ficando o socio constituido para com elle na posição de credor. Posto isto, quando qualquer socio pretende contrair um empréstimo no Banco, só lhe é exigida a garantia da sua assignatura reforçada pela assignatura de um outro socio, ficando ambos solidariamente responsaveis. Vê-se pois que o credito concedido pelo Banco é meramente pessoal; baseado exclusivamente na moralidade e honradez do tomador; e que por isso só aquelles que possuirem estas qualidades é que poderão fazer parte da associação.

A direcção compete determinar o maximo dos empréstimos de harmonia com as circumstancias da caixa e a solvabilidade dos socios, bem como tambem marcar-lhe os prazos.

O juro que paga o socio devedor é ordinariamente na Allemanha de 3 por cento; e, comquanto se não possa dizer que este juro seja extremamente favoravel; é certo que, se attendermos ás usuras exorbitantes com que a avidez dos *agiotas* costuma esmagar os pobres, e se por outro lado attendermos ainda a que o credito aqui é meramente pessoal, havemos de concordar em que um juro de 8 por cento é relativamente modico.

É necessario tambem não perder de vista que o Banco poderá emprestar capitaes tanto mais barato quanto menor fôr a proporção em que entrar o capital alheio nos recursos da associação, por isso que este paga tambem juro, o que não succede com o capital proprio.

Dissemos que uma das principaes bellezas da instituição de que tratamos é o exercer ella as duplas funcções de Banco de empréstimos e de Caixa economica. Como caixa economica ella proporciona aos socios por meio de pequenos e successivos lançamentos a accumulção de um capital, que pôde tornar-se consideravel com o accrescimento dos dividendos. Note-se que os dividendos correspondem por via de regra a um lucro superior ao juro abonado aos deponentes pela Caixa economica. Como Banco de empréstimos ella torna accessivel o credito áquelles individuos que, pelas circumstancias em que se acham collocados na sociedade, só poderiam obtel-o, fóra da associação, mediante condições onerosissimas e incomportaveis sacrificios.

O credito, tão difficil de obter ás classes laboriosas, é-lhes facultado pelos Bancos populares, do modo mais seguro, mais facil e mais honroso, diz M. Horn. Mais honroso — porque é de suas proprias economias, e do producto do seu credito collectivo que se constitue o fundo ao qual os socios vão tomar de empréstimo os capitaes de que necessitam; mais facil — porque o Banco só exige como garantia a assignatura do socio tomador acompanhada da de um seu amigo e consocio; mais segura — porque o Banco jámais recusa o credito que merece a honradez dos seus clientes.

Além das vantagens materiaes que se tornam palpaveis, a instituição dos bancos populares tem uma acção moralisadora de grande alcance, qual é a de promover nas classes a que é destinada o espirito de economia, diligencia e probidade; de realisar no seio d'ellas o principio fecundo e santo da fraternidade; e finalmente de despertar n'ellas o sentimento da dignidade propria, ensinando-lhes praticamente que em suas mãos está o melhoramento de sua condição.

Para mostrar a força de vitalidade de que é dotada esta instituição, quando bem organizada e dirigida, bastará apresentar alguns Algarismos que nos indicam a sua rapida reproducção dentro d'um curto espaço de tempo.

O primeiro Banco popular foi fundado em 1850. Em 1859 o numero d'estes estabelecimentos que existiam já disseminados por differentes pontos da Allemanha era de 200; em 1861 subia a 400; em 1862 a mais de 500; em 1864 a 890; em 1865 a 960. Hoje existem na Allemanha talvez perto de 1,000 Bancos populares, todos em via de prosperidade. Este numero constitue por si o maior elogio que se pôde tecer a uma instituição, que apenas conta 17 annos de existencia.

O incansavel fundador e promotor dos Bancos populares, M. Schultz, creou uma agencia central debaixo da sua direcção, com o fim de propagar a instituição, olhar pelos interesses communs das

associações, e relaciona-las entre si. É a estes importantes e activos trabalhos, e também á indole do povo Allemão, que são devidos os grandes progressos das associações d'esta ordem.

Em 1863 M. Horn, fazendo algumas considerações sobre a estatística das contas enviadas á agência central unicamente por 243 Bancos populares, dizia o seguinte:

«Quando nós pensamos que 89 milhões de francos, saídos n'um anno das caixas de 243 Bancos populares, foram emprestados a individuos necessitados que d'outro modo não obteriam credito algum, a não ser mediante as condições mais onerosas e vexatorias; que os estabelecimentos que distribuem ás classes laboriosas este excellente credito de 89 milhões de francos, foram todos creados e são todos dirigidos por iniciativa dos proprios socios sem mais auxilio pecuniario ou não pecuniario do governo ou das classes superiores; que de 23 milhões de francos que constituem o fundo de operações d'estes 243 Bancos, mais de metade pertence aos socios, que porventura ha dois dias nada possuíam; enquanto que a outra parte foi adquirida por emprestimo em virtude do credito colectivo de pessoas ás quaes individualmente ninguem emprestaria talvez a minima quantia; não podemos deixar de reconhecer que os Bancos populares estão já realisando prodigios, e que elles são destinados a exercer a mais prospera influencia sobre a condição das classes laboriosas.»

Note-se que M. Horn fallava apenas de 243 Bancos, numero que hoje se acha mais que quadruplicado. Calcule-se portanto a somma immensa de beneficios que hoje está derramando sobre a sociedade allemã a engenhosa instituição que resumidamente descrevemos.

Escrevendo este artigo levamos unicamente em vista dar uma ligeira idéa dos Bancos populares, tão pouco conhecidos entre nós, e que comtudo constituem uma das mais bellas e engenhosas manifestações que nos ultimos tempos tem revestido o principio da associação. Terminamos fazendo votos para que um dia breve vejamos implantada entre nós tão recommendavel instituição, e á sombra d'ella prosperando as classes laboriosas do nosso paiz.

Coimbra

A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

EPIDEMIA

Grassou em França, em 1446, uma terrivel epidemia causada pelas continuadas chuvas. Em Paris, durante os mezes de agosto e setembro, succumbiram 40:000 pessoas. Luiz XI, para repovoar a cidade determinou que se desse asylo a todos os malfeitoses.

UMA OBRA DO SECULO IX

(Continuado de pag. 40)

EXPLICAÇÃO DA ORIGEM DA NAÇÃO GODA

84. De Gog tomaram o nome os Godos. E as-

sim como por toda a nação dos Ismaelitas só se escreve Ismael, como se deduz daquellas palavras do propheta: põe teu rosto contra Ismael; por toda a nação goda, só se escreve Gog, de quem provem e de quem tomou o nome. É ainda que Santo Isidoro em sua Chronica ao afirmar que esta nação é antiquissima, diz que vem de Magot filho de Jafet, é o mesmo, pois Magog e Gog são um só nome, como se deduz do propheta Ezequiel. Também o assegura o Génesis quando diz que de Magog, filho de Jafet, tomaram o nome os godos, a Gotia e a Scythia.

85. Também quando os Sarracenos possuíam toda a terra dos Godos encontramos cumprida aquella propheta do livro de Ezequiel: «Tu, filho do homem, põe teu rosto contra Ismael e diz-lhe: Entreguei-te nações fortissimas; multipliquei-te, ajudei-te e armei a tua dextra com a espada e a sinistra com settas, para que destruisses as nações que se renderem a ti como a palha secca ao fogo, e entrasses na terra de Gog com passo firme e matasses Gog com tua espada, e lhe pozesses o pé sobre a cerviz, e tornasses os seus vassallos em servos e teus tributarios.»

86. Tudo isto, já o vimos realisado. A terra de Gog, chamada Spania, estava sob o dominio dos Godos, mas entraram nella os Ismaelitas, e deram-lhes a morte com a espada e os fizeram seus tributarios, como se vê no tempo presente. O mesmo repete o citado propheta quando torna a dizer a Ismael. «Porque esqueceste o teu Senhor, também te esqueci e te entreguei em mãos de Gog e te torturei por CCLXX tempos, fazendo comtigo o que tu fizeste com os outros. Nossa esperança está em ti, oh Christo! para que cumprido este tempo de CCLXX annos desde que entraram os inimigos em Spania, sejam reduzidos a nada e restabelecida a paz da sua santa igreja (porque os tempos se reputam por annos.) Assim o permitta Deus Omnipotente para que humilhada a soberba de seus inimigos, se accrescente e prospere a Igreja Catholica. Amen.

PENSAMENTOS

A religião é a causa mais poderosa do amor da patria; os escriptores sacros, nos seus escriptos, disseminaram sempre este nobre sentimento. Com que respeito e uncão fallam da França os escriptores do seculo XIV! Ai do que insulta o seu paiz! Que a patria se cance de ser ingrata antes que nós nos cançemos de a amar! Tenhamos o coração maior que as suas injustiças.

CHATEAUBRIAND.

De todos os calculos o mais difficil é a apreciação da felicidade individual; mas pôde comparar se n'este caso pelo estado das differentes classes da sociedade. O que nos parece fazer pesar á balança em favor do povo é que os seus prazeres não são tantos como os dos grandes acompanhados de remorsos, penas e cuidados.

DE LÉVIS.